
IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NAS OBRAS DE BERNARD MALAMUD
E GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

ELIANE SANTANA DIAS DEBUS*

RESUMO

Os romances *As vidas de Dubin*, de escritor norte-americano Bernard Malamud, e *O general em seu labirinto*, do escritor latino-americano Gabriel García Márquez, são analisados sobre o mesmo eixo temático que diz respeito à conflitante tentativa das personagens principais dessas narrativas em constituir uma identidade. A hipótese geradora dessa leitura é de que, ao construir uma identidade individual, essas personagens buscam (re)construir uma identidade nacional. Os referenciais teóricos advindos dos estudos pós-coloniais são a base para a análise comparativa dessas duas narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, representação, nacionalidade.

O romance *As vidas de Dubin* (1979), do escritor norte-americano Bernard Malamud (1914-1986) e o romance *O general em seu labirinto* (1989), do escritor latino-americano Gabriel García Márquez (1928), serão analisados com base no eixo temático que diz respeito à conflitante tentativa das personagens principais dessas narrativas, empenhadas em construir a sua identidade. A hipótese trabalhada nesta leitura é a de que, ao construir uma identidade individual, essas personagens buscam (re)construir uma identidade nacional. Os referenciais teóricos advindos dos estudos pós-colonialistas serão a base para a análise comparativa dessas narrativas.

Num primeiro momento, parece perigoso colocar no mesmo plano de discussão romances de países com situações e condições pós-coloniais tão distintas: os países da América Latina com suas histórias

* Professora da Universidade do Sul de Santa Catarina (Tubarão, SC).
E-mail: eliane.debus@unisol.br

de progressos e recuos em prol da independência colonial e os Estados Unidos da América do Norte que, apesar do passado colonial, converteram-se numa potência de poder mundial. Tal proposta apresenta-se mais duvidosa se for lembrado o próprio discurso de Simon Bolívar, quando interrogado sobre a possibilidade de os Estados Unidos serem aliados no processo de integração: “É como convidar o gato para festa dos ratos” (MÁRQUEZ, 1989, p. 191).

Aqui talvez resida o maior ponto de afastamento entre essas duas obras, pois a teoria pós-colonial trabalha, se aqui for tomado o *corpus* adotado por Homi Bhabha, com a produção literária de ficcionistas britânicos que têm como tema a problemática colonial (Joseph Conrad), escritores pós-coloniais (Salman Rushdie, V. S. Naipaul, Gabriel García Márquez) e críticos da colonização (F. Fanon). Vista dessa forma, a obra dos ficcionistas pós-coloniais apresenta-se circunscrita a um grupo de produções literárias especificamente de Terceiro Mundo.

Surge então um impasse: como comparar as obras aqui propostas? A herança colonial norte-americana, segundo Frederic Jameson (1993), está mais próxima das heranças do capitalismo do que do colonialismo. Dessa forma, o foco de análise poderia ser mudado, enfatizando as características pós-modernas da narrativa norte-americana. Entretanto, a leitura que aqui se propõe procura traçar o caminho para a compreensão da obra de Bernard Malamud da seguinte forma: não tanto a representação de um ser perdido e fragmentado como herança do capitalismo tardio – o que não deixa de ser uma leitura possível, imbricada nesta análise –, mas a busca, no seu discurso, da problemática da forte herança britânica na literatura norte-americana e a herança judia da personagem. Pretende ainda examinar como tais heranças são problematizadas para formar a identidade dessa personagem.

Deve-se lembrar que a vida cultural americana, em especial a literária, no início do século XIX, foi controlada pela tradição cavalheiresca: termo empregado pelo filósofo hispano-americano George Santayana, em 1911, ao referir-se ao enfraquecimento do idealismo

neopuritano dos Estados Unidos, marcado pelo pendor racial e religioso da América (WASP—White Anglo-Saxon Protestant), original e concentrado na Nova Inglaterra, fato que gerou o preconceito e o afastamento dos escritores “brancos” americanos da temática de imigração e da gente não-branca. Tal postura estava sedimentada em duas razões centrais: a negação da pobreza como um fator da experiência americana, e o idealismo caracterizado pelo homem branco, saudável, olhos azuis, cabelos louros e protestante. O indivíduo que fugia a esse padrão idealizado era classificado como exótico, e só quem poderia falar sobre eles seriam eles mesmos. Dessa forma, a produção dos grupos minoritários toma dois rumos: imita a literatura americana ou fica restrita aos grupos étnicos aos quais pertence. A partir da década de 1950, segundo pós-guerra, ocorrem mudanças bastante consideráveis na literatura norte-americana, que passa a incorporar a produção literária dos grupos minoritários, com ênfase particular na ficção de autores de descendência judaica (CUNLIFFE, 1967).

O escritor judeu Bernard Malamud é apresentado pela crítica norte-americana como escritor da minoria, pois, juntamente com Saul Bellow, Norman Mailer e Philip Roth, representa a nova linha contemporânea da literatura judaico norte-americana, a qual tematiza o judeu “como vítima moderna, forçado pela história a uma autodefinição existencial” (BRADBURY, 1991, p. 180), suplantando assim a tradição dessa produção literária que focalizava a temática do imigrante como vítima a lutar por um lugar e por reconhecimento no Novo Mundo.

O escritor colombiano Gabriel García Márquez, por sua vez, é um dos ficcionistas latino-americanos que mais tem se destacado no Primeiro Mundo. Recebeu o reconhecimento por sua produção literária em 1982, ao ser laureado com o Prêmio Nobel de Literatura.

O ponto de maior aproximação entre os dois romances parece ser a adoção do gênero biográfico que os entrelaça. A narrativa de *O general em seu labirinto* trabalha com um objeto referencial marcadamente histórico e cronologicamente datado: os últimos dias de Simon

Bolívar. A narrativa tem início em 8 de maio de 1830, quando o “libertador” parte de Santa Fé de Bogotá, e termina em 17 de dezembro de 1830, dia da sua morte. O desenvolvimento temporal linear da narrativa, que mostra a situação de execração popular do general, é entrecortado por reminiscências das festas públicas espontâneas.

Em *As vidas de Dubin*, a intenção biográfica se dá não somente através da profissão da personagem, senão também através da forma adotada para a escrita, já que, ao escrever as biografias alheias, a personagem acaba por compor o mosaico de sua própria biografia. Dubin é uma personagem puramente ficcional, porém tem vínculos com a história literária, pois a sua identidade é desenvolvida paralelamente às biografias de personalidades históricas da literatura inglesa, como Thoreau, Emerson, Hawthorne, D.H. Lawrence, entre outras.

No romance *O general em seu labirinto*, o narrador é onisciente, exercendo o papel de cronista histórico ao construir seu discurso com base em informações verídicas. A fonte documental, contudo, não obrigou o romancista a “renunciar os foros e desaforos do romance” (MÁRQUEZ, 1989, p. 268). Assim, o ficcional adentra na narrativa pelos causos e pela própria imagem representada que é (des)construída. À medida que a história também é uma forma de mediação da narrativa, Gabriel García Márquez expõe a possibilidade da história como um constructo ficcional.

É necessário lembrar que as fronteiras moventes do discurso histórico e do discurso ficcional, divididos em pólos opostos na Antiguidade, têm se entrecido nos estudos contemporâneos pelo seu caráter narrativo e pelo seu acesso condicionado pela textualidade. Contudo, mesmo nas pesquisas mais recentes da corrente chamada história cultural, as evidências/fontes não deixam de ser o material fundamental da pesquisa do historiador, assim como a imaginação criativa é o solo de sustentação do discurso ficcional.

No romance *As vidas de Dubin*, o narrador é impessoal, haja vista que adota o foco da personagem protagonista; um narrador que pou-

co interfere, com um saber precário. Oposto ao estilo linear, breve e concentrado da narrativa de Márquez, Bernard Malamud tece uma narrativa fragmentada, adotando as estações do ano para marcar a sua referencialidade temporal, sem, contudo, desfazer a descontinuidade do ir e vir do discurso, com interpolações do passado judeu da personagem e de momentos de sua adaptação e assimilação do modo de vida norte-americano.

O desejo de construção de uma identidade permeia o caminho de ambas as personagens. O solo para a sua realização é a alteridade, isto é, a necessidade do indivíduo de existir para um outro e o desejo de assumir o lugar desse outro. Bhabha (1986), utilizando-se do conceito de suplemento de Derrida, denomina metaforicamente essa duplicidade de “sombra amarrada de diferimento e deslocamento”. Como teórico do pós-colonialismo, argumenta que “a alteridade colonial não é constituída pelo Eu colonizador nem pelo Outro colonizado, mas pela distância perturbadora entre os dois” (BHABHA, 1986, p. 121). Assim, a construção da identidade implica sempre uma relação de diferença com um outro.

As biografias realizadas por Dubin são espelhos, nos quais ele tenta mirar na expectativa atenta de descobrir uma imagem para si. A biografia em estudo, do inglês D. H. Lawrence, é o modelo pelo qual Dubin deseja a força da natureza encarnada na sua sexualidade como amante, a sua capacidade de desprendimento, a sua liberdade. No entanto, o espelho apresenta uma imagem estilhaçada e distorcida, os pequenos estiletos de vidro refletem a impotência sexual, a dependência e o sentimento possessivo do modelo. Outro espelho paralelo, no qual o judeu Dubin busca o reflexo, é o do perfeito homem norte-americano, modelo ao qual está adaptado.

Para Simon Bolívar o outro é o colonizador, o europeu, imagem que deve ser negada para que se possa conquistar a independência. Porém, a Europa fora seu berço juvenil, lá aprendera a arte de conversar sobre a comida durante a refeição, aprendera a jogar xadrez, tornara-se

leitor de Rousseau e admirador de Napoleão. Dessa forma, esse “fidalgo colonial deslumbrado pelos prazeres mundanos” (MÁRQUEZ, 1989, p. 252) da vida européia encontra-se no meio-fio de sua construção como sujeito, preso à racionalidade do colonizador e aos banhos de erva-cidreira roxa.

Sangari considera Gabriel García Márquez um escritor que está aberto para dois mundos diferentes, um escritor híbrido, na medida em que “ser híbrido é entender e questionar, assim como representar a pressão de tal localização histórica” (1995, p. 88). Pode-se dizer que a imagem que ele compõe de Simon Bolívar carrega as marcas de tal hibridismo.

O tratamento de desconstrução dado aos mitos apresenta pontos de afastamento e de aproximação nas duas narrativas, entendendo-se, aqui, o mito como um mecanismo de defesa viável e útil para controlar e velar as ambivalências sociais, bem como pessoais, pois ele

desponta quando se torna perigoso ou impossível confessar, claramente, certo número de fatos sociais ou religiosos, ou de relações afetivas que, entretanto, desejamos conservar ou que é impossível destruir [...]. A obscuridade do mito permite-nos, portanto, aceitar seu conteúdo disfarçado e desfrutá-lo na imaginação, mas sem termos uma consciência suficientemente clara para que se manifeste a contradição. (ROUGEMONT, 1988, p. 56)

A narrativa de Bernard Malamud apresenta-se como uma desconstrução do discurso oficial sobre o “sonho americano”. Dubin, dentro dos padrões convencionais da vida norte-americana, é um homem tipicamente americano no que diz respeito à estabilidade familiar e à aquisição dos bens de consumo. Casado, pai de dois filhos (um homem e uma mulher) é estabilizado profissionalmente. No entanto, Dubin se torna vítima dessa mesma assimilação e adaptação: sua vida disciplinada, comedida e metódica passa por uma crise e ele já não se sente o mesmo homem de anos antes, quando decidiu casar-se com a católica Kitty e escreveu ao pai: “Como pode um homem ser judeu, se

não é homem? Como pode ele ser um homem, se desistir de se casar com a mulher que quer?” (MALAMUD, 1979, p. 95).

Pela quarta vez na narrativa de García Márquez, o general percorre o caminho do rio Magdalena. Ao contrário das viagens anteriores que visavam à busca da liberdade e da integração nacional, essa era um ir e vir para o nada. Uma chuva milenar e eterna o acompanha durante a sua trajetória marcada por dias nublados, numa viagem de cegos. Em Honda, há o desmascaramento das recepções: num primeiro momento, a chuva lava e leva os preparativos da festa de sua chegada e, na hora da partida, o público é recrutado às pressas para simular uma despedida e perpetuar o mito.

Em Santa Cruz de Mompo, há a surpresa do general em encontrar uma calorosa recepção de uma grande platéia ironicamente recrutada às pressas em um velório e que não tinha conhecimento da sua atual situação de exilado. “O funeral ficou pela metade, e só um grupo íntimo acompanhou o caixão até o cemitério, em meio ao troar dos canhões e o repicar dos sinos” (MÁRQUEZ, 1989, p. 110).

A construção do imaginário mitificante da imagem do herói vitorioso, vivificada na memória coletiva, é representada pelas imagens que perpetuam o mito. Os retratos do general foram se transformando ao sabor de sua ascensão, até se apagar por completo a sua mestiçagem. “Mas à medida que sua glória aumentava, os pintores o idealizavam, lavavam-lhe o sangue, o mitificavam, até que o implantaram na memória oficial com o perfil humano de suas estátuas” (MÁRQUEZ, 1989, p. 184).

Seus cabelos são vendidos como relíquia sagrada e/ou mercadoria de ocasião. As lendas se espalham, ao mesmo tempo em que se esfacelam no discurso, pois o narrador apresenta um general humanizado, sofrendo com a tísica e sendo humilhado ao ver que seus restos vão sendo queimados à sua passagem para não contaminar a população. Contaminação ambivalente, que pode tanto significar o perigo da doença física como o perigo de uma ressurreição revolucionária.

Brennan (1995) assinala que nem todos os romances do Terceiro Mundo são nacionalistas, citando Gabriel García Márquez e classificando-o como comentarista cosmopolita que, familiarizado com o gosto literário metropolitano e com os interesses da cultura dominante, produz uma literatura fantástica, oferecendo aos leitores da América do Norte e da Europa uma visão de dentro das populações antigas da América Latina.

Parece que tal afirmação pode soar como redutora no caso do livro analisado, pois pode-se ousar ir além e afirmar que, nesse caso específico, a análise que Brennan realiza sobre as obras que buscam explorar a responsabilidade pós-colonial – como as de Salman Rushdie, Augusto Roa Bastos e Nadine Gordimer – se aproxima de *O general em seu labirinto*, pois a história individual e particularizada de Simon Bolívar, um herói nacional, acaba por desmistificar a postura da colonização europeia, bem como a ambivalência contida no bojo da independência. A imagem de supremacia do discurso colonizador é desestabilizada pelo discurso do general que analisa o processo de independência da América Latina pela diferença:

– Então que nos façam o favor de não nos dizer mais o que devemos fazer – conclui. – Não tentem nos ensinar como devemos ser, não tentem nos tornar iguais a vocês, não pretendam que façamos bem em vinte anos o que vocês fizeram tão mal em dois mil [...]. Por favor, *carajos*, deixem-nos fazer sossegados a nossa Idade Média! (MÁRQUEZ, 1989, p. 129)

A impotência e a solidão são elementos tematizados nas duas narrativas, porém com características diferentes. A impotência de Dubin é sexual, ele vê sua virilidade esgotar-se como a de Lawrence e vê na jovem amante Fanny a possível saída para sua crise. O general é impotente diante da integração da América num único e grande país, vê-se fraco e acompanhado por uma comitiva que já não lembra o glorioso exército da república, reduzido em tempo inglório a um grupo de men-

digos estropiados que espalha ao longo da viagem a gonorréia adquirida nas noites de Honda.

O isolamento de Dubin é consequência de uma sociedade conturbada e individualista. Exemplo disso é ser ele um desconhecido na pequena vila de Campblle, com 4.601 almas. Está isolado da sociedade e de si mesmo: “Um homem é uma ilha no que significa ser uma ilha, coisa não muito fácil de ser. Vivemos em mistério, um universo de corpos sozinhos e isolados, homens, insetos, estrelas. Em tudo há solidão e o homem a conhece bem” (MALAMUD, 1979, p. 91).

A solidão de Simon Bolívar é consequência do poder. A solidão da figura pública é observada pela amante, mesmo antes da perda de poder: “Tinham se conhecido fazia cinco anos, mas ele estava tão decrepito e inseguro como se fossem cinqüenta, e deu a Manuela a impressão de cambalear sem rumo nas trevas da solidão” (MÁRQUEZ, 1989, p. 159).

A ambigüidade e a duplicidade da identidade das duas personagens (Bolívar e Dubin) abalam e desestabilizam a possibilidade de uma identidade coerente e estável. A ambivalência de Simon Bolívar está retratada na figura contraditória que almeja a liberdade em relação ao outro, o colonizador, e ao mesmo tempo está imbuída de um autoritarismo ditatorial para manter seu poder. Dubin, por sua vez, deslocado de sua posição confortável de aventuras ocasionais, sente-se preso na armadilha dos sentimentos contraditórios, já que não consegue romper os laços matrimoniais com Kitty, que representa a vida doméstica, e não rompe com Fanny, que representa a vida de aventuras. Dubin não consegue ser coerente com seus sentimentos.

A imagem do labirinto se apresenta e representa a busca das duas personagens pelo centro, o desejo de encontrar a redenção. Segundo Paz (1976, p. 88), o labirinto tem um significado simbólico:

Várias noções afins contribuíram para fazer do labirinto um dos símbolos míticos mais fecundos e significativos; a existência, no centro do recinto sagrado, de um talismã ou de um objeto qualquer, capaz

de devolver a saúde ou a liberdade ao povo; a presença de um herói ou de um santo que, depois da penitência e dos ritos de expiação, que quase sempre trazem consigo um período de isolamento, penetra no labirinto ou no palácio encantado; a volta para fundar a cidade, ou para salvá-la ou redimi-la.

Simon Bolívar, em sua peregrinação mítica, morre procurando a saída, ou melhor, o centro: o embrião inicial para voltar à luta e desfazer a imagem estilhaçada do país. Assim, é apresentado sob o efeito de uma melhora imaginária, a traçar planos para o recomeço: “– Nunca tivemos a oportunidade melhor para começar de novo pelo caminho reto – disse ele. E concluiu com uma convicção irrefutável: – No dia em que eu voltar a pisar o vale do Aragua, todo o povo venezuelano se levantará em meu favor” (MÁRQUEZ, 1989, p. 255).

Contudo, cada vitória de emancipação é logo abortada por insurreições internas, eternas, e o “general das Américas”, entre desejos e desenganos, vê seu sonho de unidade esfacelar-se. A viagem labiríntica, traçada pelo próprio herói, não deixa de ser uma auto-imagem da América também como labirinto.

O labirinto existencial de Dubin faz com que ele percorra uma galeria de vidas em busca de sua unidade. A fascinação pela vida de Fanny e sua juventude surge como possibilidade de apagamento dos traços da velhice que se aproxima. As frutas maçã, pêra e pêssegos mordidos – marcadas como sobras, restos solapados de sua totalidade (o não-inteiro), deixados por Fanny à revelia – apresentam-se como convite ao amor erotizado, um amor já marcado pela fratura. A natureza do sexo se apresenta como possibilidade de liberdade para Dubin, pois a relação sexual é nutritiva e é espaço de conquista que propicia a felicidade e uma heroicidade imaginária da personagem. Isso significa pensar na colocação judaico-cristã do amor como aquilo que “ajuda a dar sentido à mediocridade da vida diária e faz com que as pessoas se sintam heróis de alguma coisa” (OROZ, 1992, p. 49).

Essa relação amorosa, porém, apresenta-se como possibilidade e não como conclusão mediada por suas próprias contradições. Dubin

assume a função dupla de pai e amante. Fanny é o espelho de sua filha Maud; ambas não querem continuar os estudos e retiram-se para comunidades espirituais, e suas idades regulam. Fanny vê em Dubin a representação da imagem paterna ideal. A narrativa aponta para uma relação incestuosa, disfarçada no romance pelo relacionamento homem velho/mulher jovem. Nesse ponto não deve ser esquecido que Maud também buscou a imagem do pai num homem mais velho.

A narrativa termina de modo aberto, nada é resolvido ou concluído. Não existe *happy end*. Pelo contrário, a atividade sexual de Dubin com Kitty depende da vida sexual de Fanny que, por seu turno, se alimenta de Roger. Nessa ciranda de dependências, a identidade de Dubin revela-se fugidia, instável e inacabada.

Ambas as narrativas apresentam dois sujeitos desalojados, figuras erráticas que percorrem um caminho labiríntico em busca da identidade. Constituir-se sujeito latino-americano significava para Simon Bolívar constituir-se enquanto território, dentro de um projeto coletivo. No romance, a crise de identidade de um indivíduo representa a crise de identidade do coletivo, ou seja, da pátria América. A fragmentação da América impossibilita-lhe vislumbrar a sua totalidade e, ao mesmo tempo, lutar por suas diferenças.

Já para Dubin a construção da identidade, como projeto individual, passa pela subjetividade, ainda que labiríntica: “Tratar do primitivo labirinto do homem, essência mística ardente, individualidade humana profundamente simples” (MÁRQUEZ, 1979, p. 19). O modelo capitalista da sociedade norte-americana, fundamentado no individualismo, na privatização das relações de intimidade, vai irremediavelmente introduzir-se e influenciar na construção da identidade do americano como nação.

A opção dos dois escritores pela representação particularizada de dois sujeitos não apaga os traços da representação da identidade nacional desses sujeitos. Pelo contrário, ela é a mola propulsora de ambas as narrativas. Tomando-se a idéia de nação como uma forma-

ção discursiva propagada por Foucault (2004) e adotada por Brennan (1995), que observa que nações não passam de “construções imaginárias que dependem, para a sua existência, de um aparelho de ficção cultural no qual a literatura imaginativa desempenha um papel decisivo” (1995, p. 12), observa-se que as narrativas analisadas apresentam, em condições tão diversas, o descentramento da idéia de nação alardeada por seus países.

Percebe-se que, nelas, entra em jogo a presença/ausência de Ariadne a conduzir com o fio para a saída do labirinto. Nestas duas narrativas, o centro é sempre um logro. O que elas buscam é questionar a autoridade e as certezas de uma identidade pura e ontológica.

IDENTITY AND REPRESENTATION IN BERNARD MALAMUD E GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

ABSTRACT

The novel *As Vidas de Dublin*, by the North American writer Bernard Malamud, and *O general em seu labirinto*, written by the Latin American writer Gabriel García Márquez, are analyzed under the same thematic links which are the conflicting attempt of the principal characters of these narratives on building an identity. The generating hypotheses of this reading is that by building an individual identity, these characters try to (re)build a national identity. The theoretical references from pos-colonial studies are the basis for the comparative analysis of these two narratives.

KEY WORDS: Identity, representation, nationality.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. Foreword: remembering Fanon: self, psyche and the colonial condition. In: FANON, Franz. *Black skin, whit masks*. London: Edward Arnold, 1986.

BRADBURY, Malcolm. *O romance americano moderno*. Tradução de Bárbara Heliadora. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

BRENNAN, Timothy. The national longing for form. In: ASCROFT, GRIFFITHS & TFFIN (Eds.). *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995.

- CUNLIFFE, Marcus. *The literature of United States*. Australia: Penguin Books, 1967.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.
- JAMESON, Frederic. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. Ann (Org.). *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 25-44.
- MALAMUD, Bernard. *As vidas de Dubin*. Tradução de Edna Jansen de Mello. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *O general em seu labirinto*. Tradução de Moacir Wernereck de Castro. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- OROZ, Sílvia. *Melodrama: o cinema de lágrimas da América Latina*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.
- PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- ROUGEMONT, Denis de. *O amor no ocidente*. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SANGARI, Kumkum. The politics of the possible. In: ASCROFT, GRIFFITHS & TIFFIN (Eds.). *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995.